

“Empresas alemãs repetem erro ao silenciar sobre Bolsonaro”

Por Christiane Gomes · 07/08/2018

Associação dos Acionistas Críticos da Alemanha cobra que empresas alemãs no Brasil se distanciem da declaração favorável da CNI ao candidato. Christian Russau, diretor da organização, afirmou à DW Brasil que o silêncio das empresas alemãs sobre Bolsonaro faz parecer “que os empresários só pensam em seus lucros”.

Por Bruno Lupion, [DW Brasil](#)

[russau](#)

Christian Russau, da

Associação de Acionistas

Críticos da Alemanha

Uma associação civil da Alemanha que compra ações de empresas para cobrar delas respeito aos direitos humanos e ao meio ambiente está preocupada com o silêncio de filiais no Brasil sobre a candidatura de Jair Bolsonaro (PSL) à Presidência da República.

A Associação de Acionistas Críticos na Alemanha (Dachverband Kritische Aktionäre) possui pelo menos uma ação de cada empresa listada na bolsa de valores de Frankfurt e, segundo a lei alemã, tem direito a dez minutos de fala nas assembleias anuais dessas empresas – tempo que utiliza para pressioná-las e cobrar respostas.

A entidade publicou nota solicitando que as empresas alemãs no Brasil se posicionem contra a postura favorável da Confederação Nacional da Indústria (CNI) em relação à candidatura de Bolsonaro, atual líder nas pesquisas eleitorais. A entidade alemã considera o presidenciável um “fascista” devido a seus elogios a torturadores da ditadura militar e suas críticas a direitos humanos.

A *DW Brasil* perguntou às nove maiores empresas alemãs no Brasil se elas concordavam com a afirmação do presidente da CNI sobre os empresários da indústria não terem receio de um governo Bolsonaro e indagou também a posição delas sobre essa candidatura presidencial. Nenhuma quis comentar.

Para a Mercedes-Benz, o importante é o próximo governo estar “focado na retomada e no fortalecimento da economia brasileira”. A Siemens disse confiar nas instituições brasileiras e que o fundamental é “manter segurança jurídica, estabilidade política, Estado de Direito, liberdade econômica, regras claras e estáveis”. A Volkswagen afirmou que apoia a democracia e a liberdade de expressão e que manterá seu plano de investimentos no país qualquer que seja o desfecho eleitoral em outubro.

O diretor da Associação dos Acionistas Críticos na Alemanha, Christian Russau, afirmou à DW Brasil que o silêncio das empresas alemãs sobre Bolsonaro faz parecer “que os empresários só pensam em seus lucros”.

Por que sua associação decidiu publicar uma nota sobre a palestra de Bolsonaro na CNI?

Christian Russau: Estamos preocupados com o discurso de ódio que se espalha no Brasil. Quando vi o vídeo do Bolsonaro na CNI, falando mal das cotas, do que ele chama de ideologia de gênero e criticando o chamado politicamente correto, e ainda recebendo aplausos dos empresários, fiquei chocado.

Duas semanas após esse evento, o presidente da CNI, Robson de Andrade, declarou que o empresariado no Brasil não tem receio algum de um eventual governo Bolsonaro. Como o sr. avalia essa declaração?

É um escândalo, parece que os industriais só pensam nos negócios e nos lucros, enquanto valores democráticos e respeito a minorias não interessam. Com democracia e ditadura não se brinca, não se pode fingir que não viu nada e deixar rolar. De repente, estamos entrando em épocas pré-fascistas. Como dizia [o filósofo alemão] Theodor Adorno, “não temo tanto o retorno dos fascistas com máscara fascista como o dos fascistas com máscara de democratas”.

Isso me lembra o caso da Volkswagen no anos 1970 no Brasil, quando as empresas não estavam nem aí para que uma ditadura militar no país. O ex-presidente da Volkswagen Carl Hahn chegou a dizer que não via problema na substituição da democracia brasileira por uma ditadura. Esta foi a declaração dele: “Isso não me tirou o sono na época. Não lembro ter chorado a democracia indo embora”.

Por que o senhor defende que empresas alemãs se posicionem contra os aplausos a Bolsonaro na CNI?

As empresas alemãs são um fator importante na economia brasileira, especialmente quando no setor da indústria. A CNI representa todas as entidades industriais dos estados brasileiros, como a Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) e a Firjan (Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro), e as empresas alemãs têm peso nessas entidades. Nós exigimos que elas se posicionem frente à ameaça de um novo autoritarismo, de um pré-fascismo.

Mas o maior objetivo de uma empresa é o lucro. Por que elas deveriam se posicionar sobre eleições?

Na ditadura militar do Brasil, o chamado milagre econômico foi na base do arrocho salarial, quem pagou a conta foram os trabalhadores, e as maiores empresas alemães também lucraram com isso. Acho que hoje nenhum acionista de uma empresa quer lucrar explicitamente na base da exploração de outros. Além disso, empresas têm uma responsabilidade moral e ética.

A DW perguntou às nove maiores empresas de capital alemão no Brasil se elas concordavam com a afirmação do presidente da CNI e se comentariam a candidatura Bolsonaro. Nenhuma comentou. Como o sr. avalia essa reação?

Não sei se chamaria de timidez, covardia ou oportunismo. Talvez seja um pouco de cada.

Em suas respostas, algumas dessas empresas expressaram a defesa de valores. A Volkswagen, por exemplo, disse defender a democracia e a liberdade de expressão, e a Siemens fez referências à segurança jurídica, à estabilidade política e à liberdade econômica.

Entendo, até certo ponto, o receio delas de se posicionar abertamente. É a mesma coisa na Alemanha, onde apenas o presidente da Siemens, Joe Kaeser, criticou a AfD. Quase ninguém compra produtos da Siemens [*como turbinas de hidrelétricas, sistemas de sinalização etc*]. Já no caso da Volkswagen, as pessoas compram os carros e se identificam com a marca.

Nenhum outro presidente de empresas alemãs quis se posicionar contra a AfD. O presidente de uma montadora, que pediu anonimato, disse que se eles se posicionassem, a empresa venderia até 19% menos carros.

Posso até entender, sem concordar, que elas tenham receio de criticar explicitamente candidatos da extrema direita, como o Bolsonaro. Mas elas estão

repetindo o mesmo erro que fizeram nos anos 1970, durante a ditadura no Brasil.

Christian Russau é autor do livro *Empresas alemãs no Brasil: o 7 x 1 na economia*, publicação editada pela Fundação Rosa Luxemburgo. [Clique aqui](#) para acessar o trabalho

Documento gerado automaticamente a partir de: <https://rosalux.org.br/empresas-alemas-repetem-erro-ao-silenciar-sobre-bolsonaro/>